



## ESTRATÉGIA DE SOBREVIVÊNCIA <sup>1</sup>

MANTOVANELLO, Cleusa F. O.<sup>2</sup>  
UNIOESTE

**RESUMO:** Objetiva-se, neste trabalho, analisar – de uma perspectiva preponderantemente sociológica e mítica – o romance *Os Tambores de São Luís*, de Josué Montello. A obra tem como personagem protagonista Damião, um ex-escravo, cuja trajetória aponta para as adversidades a que tiveram que se sujeitar os negros, mesmo depois de livres, em sua luta pela sobrevivência e pela integração social. Observar-se-á a relação religiosidade africana *versus* catolicismo, e a aculturação do negro, enquanto estratégia fundamental para sobrevivência e ascensão social, a que se submete o protagonista e que culmina na resistência e rendição do personagem. Esses aspectos são pertinentes à medida que corroboram para a constituição da identidade do protagonista e por demonstrarem também a resistência e a rendição dos africanos e de seus descendentes no Brasil. Palavras-chave: *Literatura, Religiosidade, Negro.*

### 0. INTRODUÇÃO

Neste estudo far-se-á a análise de uma perspectiva preponderantemente sociológica e mítica - resguardada a liberdade ficcional de uma obra que não tem compromisso histórico nem factual - de questões que auxiliam na constituição da identidade do protagonista do romance *Os tambores de São Luís*, de Josué Montello, e que podem ser relacionadas à constituição da identidade do negro no Brasil, especialmente no tocante a questão da religiosidade - quer africana ou católica.

Esses aspectos serão correlacionados às contingências factuais nas quais os negros brasileiros se encontravam entre a segunda metade do século XIX e o primeiro quartel do século XX, período abarcado pelo enredo da obra.

Embora a religiosidade africana perpassa toda a história do protagonista, desde a sua infância até a sua velhice, esta será retomada, com maior ênfase, quando o personagem reencontra suas raízes africanas na Casa Grande das Minas<sup>3</sup>, e revive os sentimentos atávicos de sua condição original e étnica.

Analisar-se-á, a partir do contexto do romance, a manutenção da crença nas divindades africanas, apesar da diáspora a que os negros foram submetidos quando da Escravidão Moderna. Para que se mantivesse acesa a atividade religiosa africana, na maioria das vezes, ela funcionou na clandestinidade, conforme afirma Bastide “[...] sem cessar perseguida, encurralada, mas que jamais morre, resistindo assim, até hoje, a todas as violências” (1971, p. 196).

Ainda que patrulhados pela Igreja Católica, pelas autoridades policiais e pelos senhores, para os quais a verdadeira manifestação do divino se expressava através do catolicismo, os negros perpetuaram os seus valores religiosos, recorrendo ao sincretismo, ou mesmo a manutenção de casas cultuais com a finalidade específica de reavivar os ritos e mitos religiosos da África.

Segundo Roger Bastide, a repressão às cerimônias religiosas dos negros tem início no Brasil Colonial. Naquela época, “o culto dos negros foi simples e puramente confundido com a feitiçaria e como esta era proibida em Portugal, as ordenações reais que contra ela eram dirigidas foram aplicadas no Brasil contra as reuniões de negros que tinham, aos olhos dos cristãos, [...] algo de demoníaco” (1971, p. 194).

As perseguições continuaram no tempo do Império. Tolerava-se a religião dos escravos, desde que não ofendesse a “moral pública”, sendo que as casas de realização dos rituais eram “objeto de visitas policiais, destruídas e seus fiéis aprisionados” (BASTIDE, 1971, p.195). Para Florestan Fernandes, na manutenção das raízes religiosas, que perpassara o período escravista, tolhida entre os muros da senzala, sem nunca ter conseguido erguer um templo público, os negros enfrentaram a arbitrariedade dos brancos dominantes, representada, na maior parte das vezes pela autoridade policial, que buscava “coibir os cultos fetichistas” (1978, p. 69), e para isso não hesitavam em utilizar a violência na dispersão dos agrupamentos que se formavam, com o intuito de manter a herança cultural de seus ancestrais.

Josué Montello escreve *Os Tambores de São Luís* entre os anos de 1972 e 1974, sendo que a obra foi publicada em 1975. A trama se reporta ao período do final do Império e ao início da República, no Brasil. Portanto, há um outro tempo histórico e social sobre o qual o autor lança seu olhar ficcional e real. O mote para a obra é a trajetória de vida do negro Damião, cujo enredo pode ser visto como o de um romance que conta a saga do negro maranhense, evidenciando sua resistência e sua rendição face à cultura dominante.

## 1. A RESISTÊNCIA NA RELIGIOSIDADE AFRICANA

Segundo Florentino (1997), de um número provável de mais de nove milhões de negros importados para o continente americano, aproximadamente um

quarto desembarcou em solo brasileiro. Embora despojados de seus valores materiais, vindos de regiões diversas e, muitas vezes, possuidores de diferentes línguas, eles buscaram na religiosidade uma forma, ainda que frágil, de manutenção dos valores culturais e de alguns traços da sua identidade, como também uma fuga da dura realidade a que estavam obrigados “[...] Em verdade, só eram livres ali, na Casa-Grande das Minas, e enquanto ressoavam os tambores” (p. 203)<sup>4</sup>.

A manutenção dos costumes culturais, especialmente os religiosos, como forma de resistência à escravização – e conseqüente animalização – que o sistema escravista impunha, tornou-se uma estratégia do negro, dominado e exilado, na manutenção de suas raízes africanas. A despeito das diferentes etnias importadas para o trabalho escravo, as manifestações religiosas negras seguiam uma mesma vertente: o culto aos deuses africanos.

Octávio Ianni, na obra *Escravidão e Racismo*, afirma que os escravos optaram,

por reter e recriar elementos de origem cultural africana para defender-se ou opor-se ao domínio exercido pelo branco. Nesse sentido, a religião negra, sincrética ou não, é uma espécie de catacumba espiritual, na qual o negro evade-se, esconde-se, resiste ou articula alguma luta contra a supremacia do branco (1978, p. 73).

Em *Os tambores* fica evidente que Josué Montello procurou resgatar a importância da manutenção da religião como uma forma de resistência à opressão branca. Tanto o quilombo de Julião, pai de Damião, quanto a senzala da fazenda Bela Vista, e na Casa-Grande das Minas, recuperam-se momentos de religiosidade africana. Quando, no quilombo, os negros, enfrentando o risco de serem descobertos, denunciados pelo batucada dos tambores, cujo som atravessava as matas, não se intimidam nos momentos de louvar seus deuses ancestrais, “egressos de outras fazendas longínquas, novos negros ali chegaram, e não tardou que, uma noite, à hora em que descem os voduns nos terreiros sagrados, ressoasse um tambor, abafado pela floresta circundante. Também apareceu uma cabaça. E ainda um ogã” (p. 12).

Em *Os tambores*, o lugar de maior valor simbólico na narrativa, graças ao seu valor religioso, é o querebatã da Casa das Minas. Nesse espaço são celebrados os mitos e ritos nas cerimônias que resgatam parte dos voduns conhecidos da África. Ali, sob o som cadenciado dos tambores e a possessão das noviches, Damião e os outros negros do romance reencontram suas raízes primordiais, dimensionando toda a grandeza de pertencer a uma etnia ancestral. Era ali também que os negros se encontravam para deixar aflorar os sentimentos imemoriais de liberdade, que remetiam às terras africanas: “pela excitação de quantos ali estavam, Damião reconheceu, num relance do olhar, que os outros negros sentiam o que ele sentia [...] ali reencontravam seus deuses, seus cantos, seus irmãos” (p. 202-3).

Através da criação literária, Josué Montello recupera uma das tradições mais marcantes das cerimônias africanas celebradas no interior da Casa-Grande das Minas: o transe das iniciadas. A personagem noviche Genoveva Pia - uma escrava - incorpora seu vodum sempre que visita a Casa-Grande das Minas.

Quando alcançou a Casa da Minas, a nochê ia se aproximando das noviches, ao som nervoso dos tambores. Genoveva Pia acelerou o passo, sem ver mais ninguém, sentindo que seu vodum lhe mandava dançar. Logo seu corpo leve se incorporou ao grupo das companheiras e ela rodou sobre si mesma, sacudindo o colar de contas e as pulseiras de búzios, o lenço na cabeça, as pálpebras semicerradas, presa à vida circundante unicamente pela cadência do batecum frenético. Outro ser se instalara no seu ser (p. 259).

Dentro da Casa das Minas, quer na realidade ou na ficção montelliana, o ápice da hierarquia social é representada pela nochê: “é ela quem exerce sua autoridade sobre os fiéis, quem é responsável pela disciplina do grupo e pela boa marcha das cerimônias” (BASTIDE, 1971, p. 265). Só a morte rompe o vínculo que liga uma nochê à função de suprema sacerdotisa. Desse modo, nas visitas que o protagonista Damião faz a Casa, é sempre recebido pela nochê que a preside. Mesmo em sua primeira visita, quando ele ainda era desconhecido da comunidade religiosa, Mãe Hosana o recebe com distinção, alterando o ritmo do batuque dos tambores à sua chegada, e destinando-lhe um lugar privilegiado, demonstrando, dessa forma, a importância da presença de Damião naquele ambiente.

Mãe Hosana, assim como Mãe Andreza Maria, são personagens que participam do mundo ficcional d'*Os tambores*. Ambas foram inspiradas nas nochês do mundo real, como atestam os estudos de Roger Bastide (1971) e Jean Ziegler (1977), a respeito dos cultos sagrados da Casa das Minas e de suas sacerdotisas.

Na obra *As religiões africanas no Brasil* (1971), Bastide afirma que, dentro dos muros da Casa das Minas resiste a mais fiel seita religiosa africana. Ao observar que os cultos regidos pelas nochês são detentores do maior purismo religioso, dentre todas as seitas originárias da religiosidade africana, o sociólogo aponta para a resistência da herança mítica que se perpetua através dos tempos.

Um outro modo de subsistência das tradições religiosas dos negros no Brasil foi a manutenção dos cultos aos mortos – especialmente nos séculos XVI e XVII. De acordo com Bastide, esses cultos se deviam ao fato de os “brancos considerarem o negro como um animal sem alma [...] como ‘coisa’ e não como ‘pessoa’” (1971, p. 185). Entre os negros, o momento da morte e do enterro tinha grande importância, visto que, para eles, a alma, ao deixar o corpo, voltaria para a África mãe. Assim, o desvelo atribuído ao pós-morte evitaria que a alma retornasse ao lugar onde estava o corpo, para se vingar dos vivos.

Bastide (1971), ao referir-se à descrição da duração dos costumes afros no cerimonial mortuário entre os negros no Brasil Colonial, destaca as danças e a música, que acompanhavam o momento do enterro, como uma forma de resistência religiosa mantida pelos escravos.

Sob esse aspecto, é possível analisar a permanência desse costume transposto para as páginas da obra *Os tambores de São Luís*, – por ocasião da morte de um velho quilombola, no quilombo do pai de Damião – quando o protagonista ainda era criança. Os negros, na cerimônia funerária, a despeito do temor de serem descobertos, tocam seus tambores, cantam e dançam para exaltar suas divindades. Através dessa determinação, observa-se nos personagens a busca pela reafirmação de seus valores originais.

É histórico que o povo dominante impõe sua religião (e sua língua) ao povo dominado. Ocorre, então, aquilo que Bastide (1971) define como “religiões em conserva”, ou seja, mecanismos utilizados pela minoria para manter a integridade religiosa, quando ameaçada pelo meio exterior.

Um exemplo de sociedade que se manteve fiel à tradição ortodoxa dos rituais africanos, tanto n’*Os tambores* quanto na realidade, é a seita de São Luís: a Casa-Grande das Minas. Ziegler, ao se referir ao Estado do Maranhão, em seu estudo sobre a diáspora africana no Brasil, observa: “Todo mundo, na ilha e em terra firme, teme o saber e os poderes da Casa de Mina” (1977, p. 26). Esclarece ainda que, o afastamento dessa sociedade em relação aos outros terreiros de origem africana torna-a misteriosa e hermética. Bastide (1977) afirma que, acima de todas as seitas africanas está a Casa das Minas, explicitando a sua pureza teológica.

Josué Montello, ao incorporar, n’*Os tambores*, os rituais vivenciados intramuros da Casa-Grande das Minas, descreve um pouco desse universo secreto onde são cultuados os deuses africanos, através da música dos tambores, da dança e dos rituais de possessão. A Casa-Grande das Minas é o local em que, não apenas Damião, mas todos os negros que lá se encontram, são tomados pelo sentimento atávico de retorno às suas origens africanas.

Era ali um negro entre negros, e tudo em redor contribuía para aguçá-lo no espírito a consciência da raça – no cheiro dos corpos que se movimentavam, na chama das velas votivas, na água pura das jarras, no êxtase dos semblantes dominados pelos voduns, no saltitar dos pés descalços, na sonoridade dos búzios nos braços das noviches e, sobretudo, no bater dos tambores, que tinham agora um tom marcial de desafio, canto augural e trompa guerreira, e a que se misturava a harmonia das vozes, no coro das litanias. Essas vozes alongavam-se em lamentos, como súplicas desesperadas [...] (p. 202-3).

Roger Bastide (1971), em explanação a respeito da Casa das Minas, analisa a hierarquia dos membros regidos pela sacerdotisa suprema, acrescentando que ape-

nas as mulheres iniciadas e em transe recebem os voduns. Para o sociólogo “quando são espíritos de meninas que se encarnam, então o êxtase toma nesse caso caráter infantil [...] mostra-nos as vodunsi fazendo traquinagens, tagarelando com palavras infantis [...] e brincando comportadamente com bonecas (sic)” (1971, p. 266).

Nas visitas do personagem Damião à Casa das Minas, o narrador descreve diversos momentos de transe das noviches. Selecionou-se o fragmento abaixo, por sua semelhança com as descrições de Bastide.

As noviches, que também usam saias coloridas, algumas de pano-da-costa, não se limitam a dançar, sozinhas ou em grupos, consoante a inspiração do vodum e a marcação dos tambores – também sentam no chão como meninas e brincam com bruxas de pano, sob as vistas da noçê, como se a roda do tempo desse repentinamente para trás, devolvendo-lhes a infância perdida. (p. 201).

Um outro aspecto marcante na análise d’*Os tambores*, quanto à resistência religiosa africana, diz respeito a manutenção dos nomes originais de algumas divindades ancestrais. São evocados nos rituais de transe místico da Casa das Minas os “voduns poderosos: Abeju, Loco, Ajautó, Agongone, Coicinacaba, Sepazin e Toca” (p. 204), além daquele que se apossa do corpo da sacerdotisa-rainha “enquanto a noçê Andreza Maria deixava cair o xale para os antebraços, recebendo Toi-Zamadone, o dono do lugar” (p. 3).

Isso leva a apreensão de que a inclusão dos rituais internos da Casa das Minas, na obra de Montello, concretiza a intenção do autor de mostrar, através de seus personagens, a riqueza da tradicional cultura negra que ainda sobrevive no templo religioso.

## 2. RESISTÊNCIA E RENDIÇÃO

O processo de sincretismo religioso pode ser analisado como um fenômeno ambíguo. Ao mesmo tempo em que servia aos negros para a manutenção dissimulada de seus costumes – através da representação de seus deuses em outra roupagem – também se imiscuía no pensamento do escravo, predispondo-o para aceitar os santos católicos.

No plano factual, a condição de escravo dificultava a organização da consciência social dos negros, uma vez que um dos princípios da escravidão era misturar diversas etnias – como numa Torre de Babel – para inviabilizar qualquer tipo de organização. No entanto, o negro foi capaz de preservar sua religião por meio dos ritos e mitos, fazendo uso de preces e louvores aos santos católicos, para tentar resgatar – via justaposição dos santos católicos com os deuses africanos –

seus valores religiosos, através do culto mítico. "O sincretismo por correspondência Deuses-Santos, pode ser explicado historicamente, pela necessidade que tinham os escravos, na época colonial, de dissimular aos olhos dos brancos suas cerimônias pagãs [...]" (BASTIDE, *apud* IANNI, 1978, p.72).

A mescla dos sentimentos espirituais afros e a necessidade de se adequar ao mundo – inclusive ao religioso – dos senhores brancos, fizeram com que os negros fossem impelidos a assimilar a religiosidade dos brancos, gerando o sincretismo religioso que, para Ianni, "já está sugerido que a religião negra é uma religião de vencidos: de vencidos que guardam na prática religiosa um dado fundamental de resistência ao domínio do vencedor" (1978, p. 72). Bastide também observa essa característica nas origens históricas do sincretismo: "os santos foram, primitivamente, simples máscaras brancas colocadas no rosto negro das divindades ancestrais. [...] era preciso, portanto, dissimular o mais possível aos olhos dos brancos o caráter africano do culto que aí se rendia" (1971, p. 229).

Octávio Ianni segue a mesma perspectiva de Bastide, em relação a essa forma de resistência: "Os negros para dissimular aos olhos dos brancos suas cerimônias pagãs; dançavam então diante de um altar católico [...]" (1978, p. 72).

Nesse sentido, é relevante perceber que as primeiras formas de sincretismo religioso resultam do modo que os negros encontraram para poder saudar as divindades africanas, sem que os brancos impedissem seus rituais. "Os cânticos que subiam ao altar iluminado de velas eram dirigidos de fato a Ogum e não a São Jorge, a Omulu e não a São Lázaro" (BASTIDE, p. 229).

Gilberto Freyre (2001) enfatiza a aproximação do negro com a religião do branco, creditando-a ao "cristianismo doméstico, lírico e festivo, de santos compadres, de santas comadres dos homens, de Nossas Senhoras madrinhas dos meninos, que criou nos negros as primeiras ligações espirituais, morais e estéticas com a família e com a cultura brasileira" (p. 409). Esse amolecimento das relações senhor *versus* escravo é típico da visão abrandada sobre a escravidão que permeia a obra de Freyre.

Quer pelo ponto de vista de Freyre, ou de outros autores que não comungam da mesma opinião sobre a amenidade da escravidão no Brasil, o certo é que muitos negros aceitaram a convivência das divindades africanas com os santos católicos, chegando, em muitos casos, a considerar que ambos faziam, e ainda fazem, parte do mesmo universo religioso.

Em muitos aspectos, o catolicismo e a religião africana se aproximam. Ambos aceitam a existência de um ser supremo, e de outros seres divinos, que ocupam posição hierárquica inferior, os quais, além de servir de ponte entre o homem e Deus, tem a função de proteger os mortais. Ainda se observa que, tanto os santos,

quanto os voduns (ou orixás), viveram na Terra antes de subirem aos céus. Assim, o tempo e o contato das civilizações facilitou a interpenetração das religiões. E aquilo que, a princípio, era apenas a justaposição do culto católico às crenças africanas, deu lugar a uma tendência de identificação dos dois ensinamentos, pois segundo Querino,

o africano já trazia a seita religiosa de sua terra; aqui era obrigado, por lei, a adotar a religião católica. Habitado naquela e obrigado por esta, ficou com as duas crenças. Encontrou no Brasil a superstição, conseqüência fatal aos povos em sua infância. Fácil lhe foi aceitar para cada moléstia ou ato da vida um santo protetor, etc. (sic) (*apud* VALENTE, 1977, p. 15).

Contudo, para chegar no fenômeno do sincretismo religioso, um longo caminho foi percorrido, e a presença da Igreja Católica sempre se fez sentir na evangelização dos negros “sem alma”.

Primeiro, na convivência com o “mercado das gentes pretas”: tolerava-se a escravidão, com vistas à difusão do cristianismo. Depois, descartando a escravidão do índio e aceitando a escravidão do negro.

A despeito das bases econômicas em que se estabeleceu o regime colonial, cujo contexto inseria a Igreja Católica em uma relação de dependência da Coroa, Riolando Azzi afirma que “seria distorcer extremamente a verdade considerar a doutrina católica como responsável pelas desigualdades sociais que marcam a formação histórica brasileira” (1987, p. 83).

Em *Os tambores*, durante a missa celebrada pelo bispo na Fazenda Bela Vista, os bancos são ocupados pela família do Dr. Lustosa - senhor da fazenda - e seus parentes, enquanto os negros se amontoavam em pé, num pequeno espaço dentro da nave, sendo que, muitos ficavam do lado de fora, para acompanhar as palavras de Dom Manuel e seu auxiliar, o Padre Policarpo.

Damião, ao assistir a essa missa, rememora que até no quilombo de seu pai existia uma capelinha, sendo que um negro quilombola fazia às vezes de padre. Apesar do quilombo representar a resistência do africano e o desejo de retorno à África, os quilombolas não conseguem se manter incólumes às influências religiosas do branco, representando também, nesse caso, o alcance da simbiose religiosa na obra.

Observam-se, na narrativa, referências constantes a Nossa Senhora do Rosário: “erguer-se uma capela para Nossa Senhora do Rosário” (p. 16) que, segundo a equivalência sincrética compilada por Bastide (1971), corresponde à deusa dos mares, Iemanjá. Ou, na citação do narrador, a diversos santos protetores da religião católica, “mãos amigas se entrelaçariam por cima das brasas, sob a invocação de São João, São Pedro, São Paulo [...]” (p. 254), correspondentes, respectivamente, a Ogum, Xangô, e novamente, Ogum. Ainda na variedade de invocações, pelos



personagens, àquele que passou a ser considerado o protetor dos negros, São Benedito, “[...] repetindo alto uma velha ladainha de São Benedito, que só os negros cantavam na capela, nos raros dias de festa” (p. 39), correspondente dos deuses africanos Omulu-Obalauê. A identificação de São Benedito como o santo dos negros leva a personagem Donana Jansen a desfeitear o santo “[...] o último rompante de Donana Jansen, ocorrido à saída da missa, na igreja de Santo Antônio – quando a velha foi vista soltando um muxoxo, depois de uma rabanada de desdém, ao passar pelo nicho de São Benedito” (p. 129).

Diversos momentos d’*Os tambores* evidenciam o sincrético, que surge, por exemplo, na fazenda do Senhor de engenho, no quilombo dos escravos fugidios, na cidade e, também na fala do personagem negro, prestes a ser enforcado “– Não deixa eu morrer, Seu Padre. É uma caridade que o sinhô me faz. Pelo amor de Deus. Pelo bem de São Benedito.[...] – Não deixe me enforçar, Padre. Pelo bem de Nossa Senhora do Rosário. Pelo amor de Jesus.” (p. 139).

Nossa Senhora do Rosário é a santa mais evocada pelos negros da narrativa, sendo, inclusive, a padroeira da Igreja na qual o Padre Policarpo (um padre mulato) é o pároco, e os fiéis em sua maioria, são negros.

A coexistência de diferentes crenças em um mesmo ser, para Bastide, constitui-se um pseudoproblema, pois segundo o etnógrafo, “os nomes que se lhe dão, quer sejam africanos ou católicos, não tem nenhuma importância, já que se trata apenas de forças espirituais [...] o santo é o nome português do orixá” (1971, p. 375-6)<sup>5</sup>.

Um costume religioso sincrético muito conhecido no Brasil é a lavagem anual das escadarias da Igreja do Nosso Senhor do Bonfim, em Salvador, Bahia. As pedras são lavadas com água de cheiro pelas mães-de-santo de diversos terreiros da cidade, e muitos fiéis, de diversos credos, vão ao ritual para serem aspergidos pela água.

Diversos africanistas, dentre os quais Nina Rodrigues, Artur Ramos e Édison Carneiro, ao pesquisarem sobre o sincretismo religioso baiano, constataram a correspondência estabelecida pelos negros entre Nosso Senhor do Bonfim e Oxalá.

A crença de Damião no Deus católico é percebida em toda a narrativa, e transparece nos monólogos interiores que o levam a questionar Deus, sobre a condição escrava de sua gente: “Deus estaria de acordo com aquela situação? Uns livres, outros escravos?” (p. 66); ou no solilóquio, durante um castigo: “– Deus não vai deixar que eu morra nesta cafua” (p. 93). Também ao saber que não fora castrado graças à morte do senhor, ele murmura: “– Deus continua a me ajudar – reconheceu” (p. 105). Sua crença é desvelada ainda, no tocante ao seu projeto de ajudar os outros negros “a consciência da missão que Deus lhe reservava” (p. 147). E, em sua velhice, “a sensação de que ia fechando harmoniosamente a parábola de seu destino, em paz com Deus e os homens” (p. 481).

A equivalência das entidades divinas católicas com as divindades africanas abriu espaços significativos para que o escravo utilizasse a fé católica, às vezes inconscientemente, como um instrumento de aproximação entre negros e brancos, auxiliando-o, ainda, como apoio espiritual nos momentos de intenso sofrimento ante a situação humilhante na qual vivia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se, a partir da análise efetuada, a fundamental importância que a religiosidade africana tem na constituição da identidade do protagonista.

A importância que o espaço sagrado da Casa das Minas tem, para os negros da narrativa, reitera os vestígios do homem religioso, presentes nas lembranças imemoriais do homem moderno. Damião torna-se o personagem símbolo da recuperação dos sentimentos primordiais. É através dele que se pode perceber a importância que o resgate dos valores religiosos ancestrais adquire para a constituição e para a manutenção da consciência negra, quer no romance, quer na realidade.

No aspecto religioso observou-se um dos fenômenos mais instigantes das religiões africana e católica, presentes no universo fictício e factual, ou seja, a simbiose religiosa que resulta, tanto para os personagens quanto para a comunidade de negra real, na rendição e resistência da diáspora africana.

Se, por um lado, o sincretismo resulta em rendição e resistência, a representação genuína da resistência, em *Os tambores*, está nos rituais vivenciados no interior da Casa-Grande das Minas, que é a seita que se mantém, desde a chegada dos primeiros negros mais fiel ao misticismo devotado às divindades africanas.

Perceber em Damião a luta para a conquista da liberdade, através do domínio do discurso e dos hábitos do outro, mas, ao mesmo tempo, a luta para manter suas raízes africanas, propiciou que se percebesse a constante luta do negro, cindido entre resistência e rendição, para se integrar, como cidadão, numa sociedade que, mais de cem anos após a abolição da escravatura, tem, ainda, entraves subliminares que tendem a dificultar a ascensão social, econômica e cultural dos negros e dos mulatos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AZZI, Riolando. *A cristandade colonial: mito e ideologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. Trad. Marisa Eloísa Capellato e Olívia Krähenbühl. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1971, 2v.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BROOKSHAW, David. *Raça & cor na literatura brasileira*. Trad. Marta Kirst. Porto alegre: Mercado Aberto, 1983.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978, 2 v.

FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FORTES, Rita das Graças Felix. *Tempo, espaço e decadência: uma leitura de O som e a fúria, Angústia, Fogo Morto e Crônica da casa assassinada*. 344 f. Tese. (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001 (Inédito).

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: introdução à história da sociedade patriarcal*. 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HUMPHREY, Robert. *O fluxo da consciência: um estudo sobre James Joyce, Virginia Woolf, Doroty Richardson, Willian Faulkner e outros*. Trad. Gert Meyer. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

IANNI, Octávio. *Escravidão e racismo*. São Paulo: Hucitec, 1978.

MONTELLO, Josué. *Os tambores de São Luís*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1976.

VALENTE, Valdemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1977.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Este trabalho é parte da Dissertação de Mestrado em Letras *Resistência e Rendição em Os tambores de São Luís*, orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Rita Felix Fortes.
- <sup>2</sup> Mestre em Letras, Professora de Teoria e Prática do Ensino de Literatura do Colegiado de Letras Português, Inglês, Italiano e Espanhol da Unioeste/Cascavel.
- <sup>3</sup> Casa-Grande das Minas é a mais antiga casa de culto africano do Maranhão, tendo sido, inclusive, fundada em São Luís por negros contrabandeados na época da escravidão. Este espaço, onde ocorrem os rituais de exaltação aos mitos africanos, é dirigido apenas por mulheres, as sacerdotisas-rainhas, e recusa qualquer tipo de sincretismo religioso. Os rituais, nesse ambiente, são celebrados ao som dos instrumentos de percussão, especialmente, os tambores, que marcam o ritmo das danças dos negros dessa irmandade.

- <sup>4</sup> Todas as citações da obra *Os tambores de São Luís* referem-se a: MONTELLO, Josué. *Os tambores de São Luís*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1976.
- <sup>5</sup> Os termos orixá e vodum são equivalentes, ambos designam as divindades religiosas africanas. Tomam diferentes formas por se tratarem de línguas de etnias diferentes. Orixá, para os descendentes dos loruba-nagô, e vodum, para a diáspora daomeana, dentre os quais estão os negros Minas.